

## **A ofensiva contra a Reforma Agrária**

(Vitor Rodrigues)

Caros Companheiros:

A Reforma Agrária foi apelidada como “a mais bela conquista da Revolução de Abril”. Deve-se este epíteto ao surgimento de uma nova e original forma de organização na agricultura, a UCP - unidade colectiva de produção - em que os trabalhadores agrícolas eram os principais decisores sobre os seus destinos. E deve-se igualmente ao conjunto de avanços produtivos, sociais e políticos que esta nova forma democrática de organizar o trabalho da terra alcançou.

No final de 1976, a Reforma Agrária ocupava cerca de um milhão e 100 mil hectares de terra - cerca de um terço da superfície agrícola do Sul do País - organizados em cerca de 500 UCPs. Tinha mais que triplicado o número de postos de trabalho. Em 1977, tinha praticamente triplicado a área semeada, quase duplicado o número de tractores, e quase quadruplicado o número de motores. Em 1978, o número de alfaías era também praticamente o triplo de antes de 1976. Em 1979, o efectivo pecuário medido em cabeças normais aproximava-se do triplo. Nesse mesmo ano, a produção de arroz e tomate tinha sido praticamente o dobro da alcançada antes da Reforma Agrária.

A estes exemplos, podem acrescentar-se:

- a intensificação cultural, as alterações na orientação produtiva, particularmente em direcção à produção de forragens e culturas de regadio;

## A ofensiva contra a Reforma Agrária

(Vitor Rodrigues)

- A introdução de culturas e de técnicas agrícolas avançadas;
- O aumento dos rendimentos unitários em culturas chave, da superfície cultivada, dos rácios área por trabalhador e área por máquina
- O investimento em barragens, o melhoramento e desbravamento de dezenas de milhares de hectares de terra
- O investimento de centenas de milhares de contos em cantinas, creches, centros de dia, postos de saúde, cooperativas de consumo e outros equipamentos sociais
- O surgimento dos contratos colectivos de trabalho, a elevação dos salários, as férias, o acesso à assistência social

A Reforma Agrária de Abril materializou uma centenária aspiração dos trabalhadores agrícolas do Sul do país, reforçada em grandiosas e firmes lutas durante a longa noite fascista. Foi também a resposta que se impunha face à sabotagem dos latifundiários, um dos sustentáculos do regime deposto em 25 de Abril de 1974, quando em agonia procuravam sufocar a jovem revolução.

Companheiros:

Foi com o 25 de Abril que se abriu a porta à Reforma Agrária. Foi com o 11 de Março e com um dos governos provisórios chefiados por Vasco Gonçalves que as chaves foram entregues ao proletariado agrícola do Sul.

## **A ofensiva contra a Reforma Agrária**

(Vítor Rodrigues)

Com o ascenso das forças e dos protagonistas da contra-revolução, teria início um longo caminho de 13 anos de resistência a uma ofensiva feroz. A primeira peça central desta ofensiva foi a chamada Lei Barreto, do primeiro governo PS chefiado por Mário Soares. Com este chapéu legislativo, todos os governos que se seguiram, quer os que esgotaram quase todas as possibilidades de combinação entre PS, PSD e CDS, quer os que emanaram da iniciativa presidencial, foram responsáveis por um largo conjunto de acções violentas, desrespeitando a própria lei que haviam criado, e mais ainda a Constituição da República Portuguesa. Estes governos, e os seus maiores responsáveis políticos (Mário Soares, Sá Carneiro, Freitas do Amaral, Nobre da Costa, Mota Pinto, Maria de Lurdes Pintassilgo, Balsemão e Cavaco Silva), podem apenas disputar entre si a ferocidade que imprimiram à ofensiva.

A ofensiva foi a retirada ilegal de terras, com o uso da força pela GNR e bandos de agrários e outros agressores. Foi a violência generalizada sobre os trabalhadores que defendiam as terras, com agressões, raptos, prisões arbitrárias, espancamentos e o assassinato. Cumpra-se a este propósito uma justa homenagem a José Geraldo (Caravela) e António Maria Casquinha, que com 57 e 17 anos de idade, respectivamente, foram há 35 anos assassinados, ao defenderem a UCP Salvador Joaquim do Pomar, em Montemor-o-Novo.

Foi também o roubo de efectivos pecuários, da cortiça, de produções semeadas, de frutos pendentes, de máquinas e melhoramentos fundiários,

## **A ofensiva contra a Reforma Agrária**

(Vítor Rodrigues)

no valor de milhões de contos, sem qualquer compensação. Foi o não pagamento a horas das produções, os cortes de crédito e outras formas de cerco económico, como a impossibilidade administrativa de acesso a fundos da CEE, após a adesão. Foi a ilegalidade aberta, com o não cumprimento de quase seis centenas de acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo favoráveis às UCP.

Se já em 1980, em pleno governo da Aliança (anti-) democrática, a Reforma Agrária já se vira despojada de mais de metade da área ocupada, em 1989, aquando da 12<sup>a</sup> e última Conferência da Reforma Agrária, sobravam apenas 236000 hectares e 225 UCP. A Reforma Agrária já não estava em condições de assegurar a tarefa histórica a que se tinha lançado: trazer o pleno emprego e a dignidade aos trabalhadores rurais do Sul, contribuindo decisivamente para a produção agrícola nacional.

Companheiros:

A Reforma Agrária de Abril foi destruída.

Mas foi produzindo de forma organizada que a Reforma Agrária resistiu e lutou. O seu legado histórico é ter provado ser possível uma nova forma de organização da produção com base em relações de produção progressistas e avançadas, com os trabalhadores como protagonistas. As suas raízes são profundas e estão bem firmes na realidade e no imaginário das populações do Sul do País, e de todos os democratas e patriotas. Com a

**A ofensiva contra a Reforma Agrária**  
(Vitor Rodrigues)

retomada dos valores de Abril, voltarão a brotar os seus ramos carregados de futuro.